

# a invenção do monstro

## manoel ricardo de lima

### UM

posso inventar agora, e  
mentir, porque não há  
outra piada que possa  
contar depositado em duas  
pernas bambas, *este corpo  
magro e tão pequeno, esta  
espécie de veneno tão  
difícil de provar*, meu azado  
amor, meu próprio bem, o  
ombro sempre dói e posso  
voltar agora, mentir de  
novo, porque são os  
dedos que se debatem ao  
incorporar algo do acervo  
da tipografia do arco do  
cego, a impressão régia de  
lisboa, em dezembro, 1801  
[1801 quando se proibiu  
em portugal a circulação  
do *ensaio sobre o homem*, de  
alexander pope, as *viagens  
de gulliver*, de jonathan swift  
e a *viagem sentimental*, de  
laurence sterne, tudo para  
matar o monstro]

## DOIS

mas não, não é possível  
errar, está escrito na  
testa, na parede quebrada  
e no espelho todas as vezes  
em que miramos a testa, num  
pasma, e o que está escrito  
nela: não, não é possível  
errar, nem assim com  
a transparência insensata  
de um corpo estúpido e  
distráido das coisas  
apenas porque – de uma  
vez por todas – existimos  
sem guardar nenhum  
segredo com uma vontade  
imensa de viajar no  
tempo, a invenção definitiva  
da máquina enciclopédica para  
acabar o tempo, quando é  
necessário coragem para  
aguentar a porrada, a dor e  
sabe-se lá alguma maneira ou  
algum sopapo, sim, isto  
é, algum solavanco, isto é  
simples: a verdade, a  
espera, o monstro esquivo  
morto várias vezes porque  
aprendeu a mentir

## TRÊS

e tudo se torce, ao lado, bem  
ao lado, porque moramos  
todos em new york, porque  
new york é logo ali, e é, bem  
ali, bem ali assim, porque  
não sabemos ainda quando  
o próximo avião pode  
romper a janela da cozinha  
enquanto fazemos um  
esforço grelhado com  
alcaparras, o meu desejo  
verde e amargo, este, não  
sei, já disse, mas também  
agora tanto faz, sei que morri  
com este animal doente e podre  
no meio da barriga, vazando  
pelo umbigo, porque moramos  
todos em new york, porque  
new york é logo ali, como a  
vida, molinha, fácil, rica e  
desqualificada, porque ainda  
não sabemos quando uma bala  
errante pode romper a janela  
da sala e explodir com a TV de  
plasma e lançar pus e sangue  
de mentirinha sobre o feltro  
do tapete – todos podem  
rir com força, mas posso  
morrer outra vez

---

**Manoel Ricardo de Lima** nasceu em Parnaíba, no Piauí (1970) e mora no Rio de Janeiro. Professor na Escola de Letras e no PPGMS, Unirio. Publicou *As mãos, Jogo de varetas, A forma-formante [ensaios com Joaquim Cardozo]*, *Geografia aérea*, entre outros.